

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM HISTÓRIA  
Disciplina: CRENÇAS E REPRESENTAÇÕES - 2010.1

## **O SAGRADO EM RUDOLF OTTO** (percepções a caminho)

Haroldo Reimer

O tema central na obra *O Sagrado* de Rudolf Otto é a pergunta por saber se na idéia de Deus [e na experiência de Deus] o elemento racional supera o elemento irracional [não-racional] ou até se o exclui completamente, ou se é o contrário que acontece.

Metodologicamente, o autor se situa na linha da fenomenologia de Husserl, sendo por este até considerado, em seu tempo, como a melhor aplicação do método fenomenológico para o campo da religião. Otto também retoma implicitamente elementos da filosofia teológica de S. Kierkegaard (1816-1856), bem como de F. Nietzsche, notadamente nos elementos do irracionalismo. De forma especial, contudo, Otto bebe das fontes do idealismo alemão na tradição kantiana.

Otto parte da pressuposição de que o que se chama 'religião' é um conjunto de idéias, práticas, conceitos e representações que são produzidos com auxílio da razão e são acessíveis por meio de definição racional bem como de ritualizações formais. Neste sentido, a fé seria uma convicção no âmbito de tais conceitos racionalmente elaborados. Contudo, o próprio Deus [ou o Sagrado ou o Transcendente - entendido aqui em termos ontológicos!] permaneceria uma grandeza *inacessível* no campo das operações próprias da racionalidade, apesar de toda a clareza (racional) dos predicados racionalmente elaborados. Isso se deve, segundo Otto, fundamentalmente ao caráter da irredutibilidade do Sagrado a qualquer tipo de conceitualização. Com isso, o autor rompe com a dualidade sujeito-objeto típica do pensamento cartesiano ocidental. Há sempre um sujeito envolvido na operação interpretativa e comunicativa do evento fundante.

A pergunta que Otto faz é justamente se conceitos usuais nas religiões conseguem exaurir ou esgotar a "essência da divindade" (p. 34)<sup>1</sup>. Sua convicção é a de que, mesmo que os predicados racionais

---

<sup>1</sup> A indicação das páginas, salvo indicação contrária, refere-se à 'nova' edição brasileira da obra de Otto (São Leopoldo, 2007). Número entre colchetes remete à

normalmente estejam em primeiro plano na idéia acerca da divindade, eles só podem ter validade a partir e junto a um elemento irracional (p. 34). Pois, predicados referentes à essência da divindade sempre são predicados ‘sintéticos’<sup>2</sup>. Assim, ‘religião’ não se esgota nas suas expressões racionais, isto é, nos seus desdobramentos culturais e sistemáticos (p. 34). Antes, da tendência (normal) à racionalização e à sistematização há sempre uma experiência (religiosa) fundante, que, segundo Otto, se localiza no âmbito do *irracional*.

Otto afirma que essa experiência é a experiência do ‘sagrado’ (alemão: *Heilig*). Reconhecer algo como ‘sagrado’ somente acontece no âmbito religioso. Pode-se estender o [conceito de] sagrado, por exemplo, ao campo da ética, mas ele não deriva desta. O ‘sagrado’ tem um momento de qualidade totalmente própria, inefável, que como tal não é acessível pela “apreensão conceitual” (p. 37) [*begrifflicher Erfassung* - p. 5]. Assim, ‘sagrado’ não é o supra-sumo de todas as qualidades nem o ‘predicado moral absoluto’, como na tradição kantiana; é sempre o *plus*, o ‘a mais’ de todo o processo de conceitualização e de racionalização. Ou inversamente: o ‘sagrado’ é aquilo menos o momento moral, que já é sempre permeado por racionalidade e, com isso, também por política (p. 38 [6]). Segundo Otto, esse ‘sagrado’ “vive” em *todas* as religiões como seu elemento propriamente “seu mais íntimo cerne” (p. 38) (*ihr eigentlich Innerstes* [p.6]) sem o que nem poderiam chamar-se ‘religião’. A isso ou a esse ‘sagrado’ Otto chama de ‘numinoso’ - uma categoria *sui generis* de sua própria criação. Numinoso é algo que não é definível em sentido estrito (racional), mas tão somente é ‘mencionável’ ou ‘pronunciável’ (*erörthbar*) a partir da experiência [religiosa] (p. 38-9 [p. 7]).

Esse *numinoso*, termo derivado do latim *numen*, pode ser percebido como objeto na consciência [cap. 3, p.9], ocasionando vários ‘reflexos’, ‘momentos’ ou ‘facetras’.

O primeiro reflexo ou efeito da percepção do objeto *numinoso* na consciência é, segundo Otto, o ‘sentimento criatural’: “o sentimento da criatura que se afunda no próprio nada e é passageiro<sup>3</sup> diante daquilo que está acima de toda criatura” [p.10 - trad. HR]<sup>4</sup>. Trata-se da percepção de algo real na consciência humana (cf. citado de William James na p. 49 [p.11]!). “A esse ‘sentimento de realidade’ como primeiro e imediato dado, isto é a esse sentimento de um

---

numeração do original alemão.

<sup>2</sup> Juízos sintéticos expandem o conceito, de modo que o predicado não está implícito no sujeito - é totalmente exterior à ele - e a experiência funciona como fornecedor da extensão desses conceitos. Os juízos sintéticos constituem predicados extensivos ou inerentes ao sujeito.

<sup>3</sup> O termo original alemão é “vergeht”, que pode ser entendido no sentido de ‘sucumbir [diante de]’.

<sup>4</sup> Versão portuguesa: “O sentimento da criatura que se abisma no seu próprio nada e desaparece perante o que está acima de toda a criatura” (p. 19).

numinoso *objetivamente* dado, segue o ‘sentimento de dependência’. Ou dito de outra forma: o sentimento criatural recém é uma ação ou efeito (*Wirkung*) posterior (conseqüente) à experiência, a saber, uma desvalorização do *sujeito* que faz a experiência em relação a si mesmo (p. 45 [p.12]).

Para indicar o segundo reflexo ou efeito da percepção do *numinoso* na consciência, Otto faz a pergunta: “o que é e como é este numinoso em si mesmo – percebido objetivamente fora de mim?” [p. 13]. Otto o designa de forma geral de *mysterium tremendum*, pois se trata de um sentimento diante do “*mistério* indizível acima de toda a criatura” [p. 14]. A essência ou a qualidade deste numinoso independe de graus de manifestação.

Este ‘mistério tremendo’, como segundo reflexo objetivo da percepção do sagrado na consciência, desencadeia por sua vez quatro facetas distintas:

- a) O aspecto do ‘pavoroso’ ou ‘arrepiaante’ (latim: *tremendum*);
- b) O aspecto da superioridade ou majestade ou ‘avassalador’ (latim: *majestas*);
- c) O aspecto do ‘enérgico’ ou a ‘energia do numinoso’: “são aqueles momentos do numen que, onde forem experimentados, ativam o ânimo da pessoa, fazem a pessoa ser ‘zelosa’, preenche com incomensurável tensão e dinamismo, seja na ascese, seja no zelo contra mundo e carne, seja em ações e práticas heróicas, nas quais o ânimo alterado se exterioriza” [p. 27];
- d) O aspecto de ‘mistério’ - o ‘totalmente outro’ [*das ganz Andere*].

Outro momento do numinoso como objeto na consciência é o *elemento fascinante*: “na forma e nas manifestações mais diversas evidencia-se algo inter-relacionado no seu íntimo, uma rara e poderosa experiência de algo bom, que somente a religião conhece e que é absolutamente irracional, do qual o sentimento *sabe* em noção tateadora [*suchender Ahnung*] e que reconhece atrás de escuros e inacessíveis símbolos de expressão” [p.49]. A isso Otto chama de *fascinans*, isto é, a percepção real do sagrado na consciência, que faz o *homo religiosus* desdobrar-se em admiração diante dele.

Outros reflexos do sagrado na consciência são ainda identificados por Otto. Ele fala do momento do pavoroso, isto é, da percepção do sagrado como algo terrificante, expressando a dimensão da ira divina. Também o momento do *augustum* constitui um momento da experimentação e predicação do ‘sagrado’.

Na descrição da experiência religiosa em si predomina em Otto uma tendência psicologizante.

Quando se levanta a pergunta pela 'realidade' do 'sagrado' em Rudolf Otto, a impressão que fica é a de que se trata de uma *realidade ontológica*, um elemento exterior, realmente existente, que desencadeia percepções na consciência humana. Metodologicamente, trata-se de um *a priori*, um pressuposto metodológico e, assim, de uma essencialidade para além de todas as percepções e todos os predicados.

Ao afirmar isso, devemos acrescentar que o autor em nada define tal realidade. Ele apenas apresenta os *efeitos* ou reflexos que ela tem sobre as pessoas que a percebem. Esses efeitos são apresentados como reações, sentimentos, ou seja fenômenos que pressupõem um elemento exterior tanto como desencadeador de reação quanto como objeto de sentimento. Porém, fica indefinido o que seria tal realidade, além de seus efeitos. Trata-se de algo único *sui generis* e que, portanto, não pode ficar preso nas categorias da razão ou reduzido à racionalidade. Percebe-se, assim, em Otto, uma forte reação contra a tendência à racionalização e moralização exclusiva da religião cristã de sua época. Com base nas experiências de suas viagens e no contato com outras tradições religiosas, sobretudo do âmbito da mística, Otto também se posiciona contra um reducionismo conceitual, no sentido de que "um Deus compreendido não é um Deus". Antes de toda racionalização há sempre uma experiência fundante, que nunca pode ser totalmente expressa em categorias racionalizadas, mantendo-se, fundamentalmente, no nível do irracional!

Para Otto, o irracional não pode ser eliminado em favor do racional, mas deve sim conviver com ele. O fato do sagrado não ser apreensível [totalmente] pela razão e pela ciência não é suficiente para negar a sua existência como realidade, pois, como nota o próprio Otto, a própria ciência recorre a elementos 'irracionais', ou seja, categorias postuladas a priori como reais sem que a sua realidade possa ser demonstrada em si, para, assim, em seu método científico, descrever e analisar o real. O sagrado em Otto é uma categoria *a priori* e universal, isto é, constitui a 'essência', a 'realidade essencial' anterior a toda experiência religiosa e toda religião.

Tudo o que se quer dizer sobre esse 'sagrado' deve ser [será dito] em categorias racionais, portanto culturais. Aí já se trata de outro momento, que é o momento hermenêutico, o momento do desdobramento da experiência nas fraldas da respectiva cultura de um povo. Usa-se aí de analogias, metáforas, símbolos, etc., que são, no seu conjunto, espécies do gênero da linguagem da experiência religiosa.

No que diz respeito à percepção do sagrado, o autor lança mão de um leque muito rico de sentimentos e reações provocados pelo contato com o sagrado. Tais sentimentos seriam eles próprios também indizíveis. Por isso, deve-se recorrer à analogia para [fazer] entender o que eles representam.

Muito interessante é também a observação de Otto sobre a necessidade de se ter vivenciado uma experiência religiosa para se poder estudar o fenômeno religioso!

A visão valorativa da variedade diacrônica e sincrônica das religiões feita por Otto chega a ser constrangedora. Ele afirma ou pressupõe a superioridade enorme e evidente da tradição judaico-cristã. A riqueza dos termos valorativos por ele usados quando fala das religiões revela um etnocentrismo europeu quase caricatural.

A experiência do 'sagrado' se dá na 'máquina' irracional da consciência ou até do inconsciente, mas as explicitações se dão nos desdobramentos hermenêuticos do consciente e talvez na fronteira entre o consciente e o inconsciente.

Goiânia 16/março/2010.